

A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero

Marise Rodrigues Guedes*
Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro**

Resumo

Este artigo objetiva apresentar as estratégias utilizadas pelo jornalista para a construção da imparcialidade na notícia “Padre desaparece em voo com balões de festas” presente no livro didático *Português Linguagens* de Cereja e Magalhães (2009). Para atingir esse propósito, foram utilizadas as contribuições de Bakhtin (1992), Dolz e Schneuwly (2004), Neves (2006), Koch (2002), Coracini (1991), Lage (1990), Lustosa (1996), entre outros. Observou-se que a modalização é uma estratégia que o jornalista utiliza para simular a imparcialidade na notícia. Essa pesquisa, portanto, traz contribuições tanto teóricas quanto práticas em relação ao estudo do gênero notícia.

Palavras-chave: Notícia; Modalização; Livro didático.

Abstract

This article aims to present the strategies used by the journalist for the construction of impartiality in the news “Priest disappears in flight with party balloons” present in the textbook *Portuguese Languages* by Cereja and Magalhães (2009). To achieve this purpose it was used contributions of Bakhtin (1992), Dolz and Schneuwly (2004), Neves (2006), Koch (2002), Coracini (1991), Lage (1990), Lustosa (1996), among others. It was observed that the modalization is a strategy that the journalist uses to simulate impartiality in news. This research therefore brings both theoretical and practical contributions in relation to the study of news genre.

Key-words: News; Modalization; Textbook.

Introdução

A notícia se faz presente no cotidiano da sociedade. Seja escrito ou oral, esse gênero permeia o universo de leitores e ouvintes, informando-lhes sobre as ocorrências mais importantes dos últimos momentos. A informação apresentada na notícia pretende

* UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestrado Profissional em Letras. Ilhéus - Bahia, Brasil, mariseguedess@hotmail.com

** UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestrado Profissional em Letras. Ilhéus - Bahia, Brasil, profdajuda@gmail.com

passar a ideia real dos fatos, cabendo ao locutor assegurar a veracidade dos acontecimentos noticiados.

Para construir essa provável veracidade das informações prestadas, o locutor-jornalista, aquele que se apresenta como porta-voz do jornal ou da revista no qual a notícia se tornará pública, utiliza recursos linguísticos e extralinguísticos para simular no texto o seu afastamento em relação ao fato noticiado, ou seja, a ausência de julgamento ou tomada de posição diante do que diz.

Na obra *Português Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009), na página destinada ao estudo do gênero notícia, figura como *corpus* a notícia intitulada “Padre desaparece em voo com balões de festa” veiculada inicialmente pelo jornal Folha de São Paulo, no ano de 2008. Dentre outras questões, nossa pesquisa partirá da questão de número cinco e sua respectiva resposta transcritas a seguir: “5) A notícia em estudo foi relatada de modo impessoal, sem envolvimento do jornalista, ou de modo pessoal e subjetivo?” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 179). A resposta sugerida pelos autores é que o texto foi relatado de forma impessoal, ou seja, sem o envolvimento do jornalista, o que justificam com algumas marcas de terceira pessoa presentes no texto. Além disso, os autores direcionam o trabalho do professor, solicitando que ele comente com os alunos que, na produção do seu texto, o jornalista “se limita a informar, ele não julga as ações do padre”. (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 179).

Compreendemos que a utilização de recursos que conferem à notícia o aspecto de imparcialidade é uma estratégia de quem escreve a notícia para, além de transmitir confiança aos leitores, construir a veracidade dos fatos. Assim, o afastamento total do produtor de um texto diante daquilo que diz se torna praticamente impossível, uma vez que o jornalista acaba imprimindo marcas que revelam o seu ponto de vista, além de direcionar a orientação argumentativa do texto. Nesse sentido, em detrimento de afirmar se um texto é ou não imparcial, é importante apontar mecanismos que permitam aos leitores reconhecer de que forma tal imparcialidade é construída, sobretudo se tratamos de leitores menos experientes, como os da rede pública do Ensino Fundamental, aos quais o livro didático *Português Linguagens* (2009) se destina.

Neste artigo, portanto, buscamos responder à seguinte questão: quais são as estratégias utilizadas pelo jornalista para conferir à notícia “Padre desaparece em voo com balões de festa” o distanciamento diante do que diz, ou seja, uma suposta imparcialidade? Acreditamos que uma das estratégias utilizadas por ele é a utilização de

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

expressões modalizadoras, o que envolve a seleção de palavras na construção do texto, que muitas vezes revelam o posicionamento diante do que é afirmado, bem como a inserção de outras vozes que o permitem retirar de si a responsabilidade sobre o que se noticia.

Como afirma Coracini (1991, p.183), o locutor se vale, muitas vezes, de “estratégias manipulatórias da linguagem que conferem ao texto a aparência de objetividade e imparcialidade”, sendo que, nas aulas de leitura, deve-se tornar o aluno “capaz de perceber a subjetividade implícita, que envolve todo recurso de expressão linguística”.

Assim, o objetivo geral desse artigo é apresentar as estratégias utilizadas pelo locutor-jornalista para a construção da imparcialidade na notícia “Padre desaparece em voo com balões de festas” presente no livro didático *Português Linguagens* de Cereja e Magalhães (2009). Como objetivos específicos, traçamos: verificar a existência de elementos que revelem o posicionamento do locutor-jornalista sobre o fato noticiado, tais como os modalizadores; averiguar o funcionamento desses elementos na notícia; descrever as estratégias de construção da imparcialidade na notícia em estudo; demonstrar a existência de subjetividade no texto analisado.

Já que o objetivo das aulas de Língua Portuguesa é formar leitores críticos, fazer o aluno contentar-se com uma resposta sem possibilitar um olhar profundo sobre o gênero e os sentidos produzidos e veiculados por ele socialmente é, no mínimo, contribuir não para a produção de conhecimento, mas para a estagnação do pensar sobre o texto. Assim, acreditamos que as discussões sobre a construção da imparcialidade na notícia precisa fazer parte das aulas de Língua Portuguesa.

Gêneros textuais e ensino

Embora, atualmente, haja um consenso de que o texto é um objeto ensinável, a concepção de que o ensino deve realizar-se por meio dele nem sempre está presente nas abordagens realizadas em sala de aula. Contudo, é sabido que por fazer parte das situações cotidianas de uso das esferas sociais pública e privada de comunicação, o domínio dos gêneros, sobretudo daqueles mais utilizados em situações públicas, pode significar uma forma de inserção social.

Para Bakhtin (1992, p. 279), gêneros do discurso “são tipos relativamente estáveis de enunciados”, elaborados pelas esferas sociais. Ao falar em estáveis, o autor traz à tona as variações que aqueles podem apresentar, mas que, nem por isso deixará de pertencer um determinado gênero; quer dizer, existem formas, não apenas no sentido estrutural da palavra, que identificam o pertencimento ou a maior aproximação de um texto a um gênero e não a outro. Assim, para comunicar um modo de fazer uma comida, por exemplo, é mais comum optar por fazê-lo através de uma receita, que por meio de um poema, embora isso também seja possível.

Dolz e Schneuwly (2004) tratam da caracterização de gênero, quais sejam: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Além disso, abordam que é através das intenções comunicativas do locutor, mediadas pelas necessidades temáticas e pela esfera de produção que se define qual gênero textual melhor se adequa aos propósitos comunicativos. O gênero, portanto, é constituído por três faces, por assim dizer:

- 1) os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis por meio dele; 2) a estrutura (comunicativa particular dos textos pertencentes ao gênero); 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos e particulares de sequências textuais e de tipos de discurso que formam a sua estrutura. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44).

Os gêneros podem ser primários ou secundários. São considerados como primários aqueles utilizados em situações naturais de comunicação, dos quais já se faz uso espontaneamente. Já os gêneros secundários são mais complexos, necessitando para a sua apropriação, “intervenção nos processos de desenvolvimento”. Assim, “a construção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 28-30). Não há, porém, uma ruptura imediata entre os gêneros primários e os secundários, ao contrário, passa-se daqueles a esses, num processo de aprimoramento dos usos que se faz da linguagem.

Dessa maneira, o trabalho em sala de aula cujo objetivo seja fortalecer as práticas de linguagem precisa ser realizado por meio desses “(mega)instrumentos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44), uma vez que se constituem como fonte bastante variada para o ensino.

Para que o trabalho em sala de aula de Língua Portuguesa tenha ainda mais ganhos para os alunos, faz-se importante que os textos a serem analisados sejam

selecionados respeitando-se a variedade de gêneros textuais, as temáticas adequadas às séries e turmas e a diversidade linguística e social dos alunos que compõem o grupo com o qual se está trabalhando.

Sobre esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) afirmam que é difícil abarcar, na sala de aula, todos os gêneros textuais existentes. No entanto, recomendam que sejam selecionados gêneros para um estudo mais aprofundado e que essa seleção propicie uma reflexão do aluno sobre os usos públicos da língua, sejam eles na modalidade oral ou escrita. Assim, os gêneros a serem priorizados para o trabalho com a linguagem são aqueles “fundamentais à efetiva participação social”, dentre os quais, os Parâmetros recomendam o gênero notícia, classificando-o como um gênero de imprensa.

Assim, entendemos que encarar o texto como objeto de ensino, lê-lo e analisá-lo, não diz respeito somente ao estudo de estruturas ou apenas à sua dimensão gramatical, mas requer, sobretudo, o estudo de elementos que integram a construção do sentido do texto. As aulas de Língua Portuguesa, portanto, devem mediar a interpretação através de procedimentos que revelem o que o texto significa e não o que dizem que significa (GUIMARÃES, 2011).

O gênero textual notícia

Por ser um gênero textual que circula com frequência em nossa sociedade, o estudo da notícia é recomendado nas séries do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998; GUIMARÃES, 2011; DOLZ; SCHNEWULY, 2004). Pertencente à ordem do relatar, esse gênero volta-se à documentação, ao passo que funciona como um registro das ações humanas. Nesse sentido, apresenta ações situadas no tempo e possui o papel fundamental de informar às camadas da sociedade sobre acontecimentos do cotidiano relacionados a temas variados, tais como política, sociedade, economia, violência, entre outros.

Ao longo do tempo, a notícia passou por várias modificações na forma de transmitir a informação ao leitor. No período da Idade Média, onde a igreja impunha seu controle sobre as relações sociais, as matérias voltavam-se à exaltação de valores morais e religiosos, contendo de forma explícita opiniões e traços menos velados de subjetivismo daqueles que as escreviam. De acordo com Lage (2000), após este período

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

de controle da Igreja e do Estado, a notícia passa a ser um bem de consumo essencial, sendo que apenas a partir da década de 1930 que a informação passa a possuir prioridade sobre a opinião.

Com o surgimento de uma das partes que a integraria até os dias atuais – o *lead* – no século XX, a televisão impõe à notícia um padrão visual determinante para a sua estrutura e o tratamento dos dados na esfera jornalística. É, então, a partir de finais da década de 1960, que o gênero ganha a forma como o conhecemos atualmente.

Nesse contexto, subdividiu-se a notícia em algumas partes características: a manchete ou título principal – onde se apresentam enunciados de forma objetiva e chamativa, para atrair a atenção dos leitores; o título auxiliar ou subtítulo, que acrescenta informações ao título principal; o *lead* onde é sintetizada a notícia (quem fez o que a quem, quando, onde e como), logo no primeiro parágrafo; e o corpo da notícia (o fato), momento em que se dá uma descrição mais detalhada dos fatos ocorridos e se explana a informação propriamente dita.

Atendendo a essa estrutura, o texto deve ser objetivo e cumprir o papel de informar a alguém sobre um determinado assunto de maneira clara, objetiva e precisa. A impressão que a notícia precisa causar é a de que está relatando somente fatos verdadeiros. Para isso, costuma-se utilizar, geralmente, a terceira pessoa. Embora saibamos que existem outras formas de demonstrar juízo de valor, a primeira pessoa só é utilizada no momento em que são inseridas falas de outros. Assim, a opinião será do participante e não do jornal, que deve buscar manter-se neutro.

Na busca por esta neutralidade, o locutor lança mão de estratégias linguísticas e extralinguísticas na sua produção textual. Ao dizer de um lugar social, que é o lugar do jornalista, ele precisa ter consciência dos objetivos a que se propõe, além de atender ao jornal para o qual escreve e ao público a que se destina. Neste caminho de escolhas, o locutor-jornalista realiza decisões lexicais e constrói a tessitura do texto, dando pistas ao leitor do percurso argumentativo a ser seguido. Assim, ele de alguma forma manipula a informação, tornando-a mais atraente e, inclusive, passível de venda ao leitor. Sobre esse aspecto mercadológico da notícia, Lage (1990, p. 35) afirma que o processamento em larga escala da informação e a rapidez no seu consumo - que acaba gerando necessidade de mais e mais informações - torna a notícia o principal produto jornalístico, principalmente a partir do surgimento do telégrafo e das agências internacionais de notícias.

Nesse ponto, Lustosa (1996, p. 35) afirma que “a informação apenas vai se tornar um produto de consumo após ser maquiada e devidamente elaborada pelo jornalista a partir de técnicas capazes de torná-la atraente e interessante.” Essa maquiagem, no entanto, tanto pode referir-se à elaboração mais cuidada do texto da notícia - com o objetivo de apresentar os fatos de maneira mais clara e eficaz -, quanto pode referir-se a uma tentativa do jornal em fazer com que os fatos atendam aos seus interesses. Em ambos os casos, dificilmente existirá uma notícia plenamente imparcial, uma vez que escrever um texto demanda decisões linguísticas, textuais e discursivas, que serão motivadas pelos objetivos do jornal e do público-leitor; demanda, ainda, perspectivas na apresentação do relato; e envolve, mesmo que veladamente, crenças, valores e intenções por parte daquele que seleciona os acontecimentos que deverão ser noticiados. Estas escolhas, por si só, já determinam uma tomada de posição. Como afirma Lage (1990, p. 42), “grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico.”.

A modalização

O mecanismo linguístico de modalização é o procedimento pelo qual o locutor imprime marcas no texto que produz. Essas marcas podem aparecer tanto de forma implícita quanto de forma explícita, revelando a apreciação do locutor em relação ao que é dito. Através destas pistas impressas nos enunciados, o locutor pode revelar seu posicionamento e apontar o caminho argumentativo que pretende veicular com a sua produção.

Verificar os mecanismos de modalização presentes em um texto nem sempre é tarefa fácil, uma vez que esse procedimento pode estar representado por diversas formas da língua, que irão adquirir a função de modalizador por integrar o enunciado e este, por sua vez, um texto.

Castilho e Castilho (1992) apontam que a utilização de palavra ou expressão modalizadora, pode fazer com que o sentido adquira um teor de verdade ou expressar um julgamento do locutor em relação ao que diz. Com essa posição também concorda Neves (1996), acrescentando que a modalização é um mecanismo utilizado para se aproximar ou se afastar de um enunciado, responsabilizando-se ou não pela informação

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

passada. No entanto, apesar de, neste último caso, afastar-se da responsabilidade pela informação transmitida, o locutor faz-se responsável pelo dizer de quem convida à cena enunciativa, não se eximindo por completo.

Assumindo a modalização como inerente a qualquer enunciado, consoante Guimarães (2001), esse recurso pode se manifestar, no texto, de forma velada ou de forma explícita. Ao fazer tal afirmação, a autora pontua sobre a existência de graus de modalização, sendo os indícios de tomada de posição do locutor muito ou pouco marcados no texto. Coracini (1991) afirma que a subjetividade pode aparecer num texto com maior ou menor intensidade. Além disso, até mesmo as escolhas lexicais realizadas pelo locutor para materialização do texto revelam a subjetividade inerente ao ato de modalizar.

O locutor, produtor de um texto, está inserido em lugar social e político a partir do qual está ou não autorizado a dizer. Por não falar por si, mas de um lugar social que é historicamente determinado, os enunciados produzidos por ele não serão neutros, uma vez que o locutor fala de uma determinada posição, a qual revelará a confluência de outros discursos, que farão o texto significar: “ele pode, por exemplo, se apresentar como um defensor do conteúdo expresso, como um acusador, como alguém que põe em dúvida determinada afirmação [...]” (DALLASTRA, 2011, p.20).

Neste sentido, entendemos que a modalização é uma forma de o locutor relacionar-se com o texto, revelando, mesmo de forma sutil o seu maior ou menor engajamento com o que está sendo dito.

Como pontuado anteriormente, a modalização pode ocorrer através de vários elementos linguísticos, estando à disposição do produtor de um texto inúmeros recursos que ele pode utilizar para construir o seu texto e assegurar o caráter de verdade deste. Assim, o locutor pode se valer de duas formas principais de modalizar: a epistêmica e a deôntica.

Como modalização epistêmica, Castilho e Castilho (1992) denominam aquela que demonstra uma avaliação do locutor em relação ao valor de verdade de um enunciado e sob que condições este enunciado pode ser verídico. O locutor, portanto, busca pautar-se em um lugar de produção textual que domina, muitas vezes, recorrendo a outros para compactuar com a sua voz. Nesse mesmo caminho, Neves (2006) afirma que a modalização epistêmica relaciona-se à fonte do conhecimento, ou seja, a alguém que, por estar inserido em um determinado lugar social, possui autoridade para dizer o

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

que diz e, dessa maneira, corrobora com o percurso argumentativo que o locutor quer trilhar.

Algumas formas linguísticas estão relacionadas a este mecanismo epistêmico que aponta um conhecedor do que está sendo veiculado, tais como as expressões: para x, conforme x, de acordo com x, consoante x – nas quais x representa um locutor, que fala de um lugar social – entre outros; ou até mesmo por mecanismos que atribuem um valor social ao conhecedor, asseverando-o como detentor do saber sobre o que se diz e, portanto, que não pode ser contestado. No entanto, o próprio locutor, ao afirmar algo de um determinado lugar social, assume o que diz como verdade e se responsabiliza pelo enunciado.

Ao responsabilizar-se pela fala de outrem em seu texto, o locutor-jornalista apesar de parecer afastar-se do enunciado, dele se aproxima, pois foi quem legitimou a presença de tal voz em seu texto. As expressões modalizadoras citadas no parágrafo anterior, portanto, dão uma referência ao conteúdo divulgado, atingem o objetivo de simular uma verdade e fazer crer através do dito, porque partem do pressuposto de que a voz inserida pelo modalizador pertence a quem tem conhecimento sobre o que está falando.

Para Koch (2002), modalizadores são:

todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das [...] atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Estes elementos [...] apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso. (KOCH, 2002, p. 136).

Como pode se apresentar em menor ou maior grau, a modalização, às vezes, pode passar despercebida - principalmente se estamos lidando com um leitor menos hábil – e, conforme Neves (2006) pode aparecer sob a forma de alguns verbos. Assim, de acordo com a autora “os enunciados modais com situação referencial no presente ou no passado tem leitura preferencialmente epistêmica.” (NEVES, 2006, p. 214). Estas formas verbais, geralmente aparecem no modo indicativo, pois este apresenta fatos relacionados à certeza.

Os modalizadores deônticos, por sua vez, situam-se no âmbito da conduta, relacionados a uma determinada postura que deve ser assumida perante a ação a ser realizada. Guimarães (1979 *apud* DALLASTRA, 2011, p. 23) “a modalização é ilocucional e apresenta uma orientação argumentativa”. Assim, para o autor, a modalização deôntica é aquela situada no âmbito do dever fazer, uma atitude esperada, e pode aparecer sob a forma de construções com a expressão “é necessário”. Esse tipo de modalização funciona como uma espécie de ordem que deve ser cumprida para que algo possa ou não ocorrer.

Os dois tipos de modalização apresentados podem aparecer relacionados no texto, pois muitas vezes o dever fazer algo vem expresso por uma voz autorizada, ou seja, que é conhecedora do que se diz e por isso deve ter sua ordem acatada.

Presente em Guimarães (2013), a discussão acerca da autoridade está relacionada a um argumento de prestígio que ocorre quando um locutor utiliza atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas que funciona, no texto, como meio de reforçar o que está sendo dito como uma verdade, ou seja, os atos ou julgamentos que são autorizados servem como prova do argumento que se defende no texto. Ao trazer à cena enunciativa um argumento de autoridade, o locutor fica imune a um contra-argumento, ou seja, ao utilizar no texto vozes que dão sustentação à tese que se está defendendo, o locutor a reforça e reduz a possibilidade de ser contestado, aproveitando-se da fala de outrem para garantir a significação projetada pelo seu enunciado.

Assim, entendemos a modalização como um importante recurso utilizado por um locutor na produção do texto, uma vez que contribui juntamente a outros elementos textuais e discursivos para o caminho argumentativo percorrido. Nas palavras de Antunes (2010), eleger o funcionamento da linguagem [...] como uma das prioridades de estudo significa promover a possibilidade da efetiva participação da pessoa, como indivíduo, cidadão e trabalhador. (ANTUNES, 2010, p. 44).

A construção da imparcialidade na notícia

Já que tratamos ao longo desse trabalho sobre o quanto é difícil não existir um posicionamento do locutor diante do texto que produz, cabe-nos averiguar agora as marcas deixadas por ele no seu texto. Ressaltemos, ainda, que a modalização, orienta o

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

texto argumentativamente, ou seja, direciona o texto ao seu final, ao interpretável. Nesse sentido, passemos a uma breve apresentação sobre a notícia “Padre desaparece em voo com balões de festa” que constitui o *corpus* dessa pesquisa.

A notícia em estudo relata o desaparecimento do padre Adelir Antonio de Carli, praticante de balonismo caseiro. O fato aconteceu na cidade de Paranaguá, em Curitiba.

Para nossa análise, recortamos inicialmente o enunciado que corresponde ao subtítulo do texto, ao qual atribuímos a nomenclatura E1, sendo E correspondente à palavra enunciado. Seleccionamos esse enunciado porque os sentidos projetados por ele dizem algo sobre o posicionamento do jornalista em relação ao fato noticiado. Nesse contexto, o enunciado está na notícia como o que apresentamos a seguir: “(E1) Mesmo com céu nublado e chuvoso, ele partiu de Paranaguá (PR) [...]”.

Conforme discutido anteriormente, o modalizador é a palavra ou expressão que denota o posicionamento do locutor diante do que diz. Nesse contexto, identificamos a expressão “Mesmo com” como uma indicadora desse posicionamento, uma vez que indica um juízo de valor atribuído pelo jornalista à ação do padre em optar por voar apesar das condições climáticas desfavoráveis. Assim, com a utilização dessa expressão na formulação do seu texto, o jornalista demonstra que com o céu nublado e chuvoso não há condições adequadas para a prática de balonismo caseiro, fato que deveria ser de conhecimento do padre Adelir, uma vez que, como apresentado na notícia essa não era a primeira vez que o padre voava, já que era “praticante de balonismo caseiro”.

Assim, de E1 podemos depreender os seguintes significados: 1) Estava nublado e chovia, no dia da decolagem; 2) A prática de balonismo caseiro requer céu claro e sem chuva; 3) Não se deve voar, quando o tempo está nublado e chuvoso; 4) Apesar de o tempo não estar favorável ao voo, o padre decolou. Com esses significados, percebemos que ao introduzir E1 com a expressão “Mesmo com”, o jornalista coloca-se no texto de forma sutil e produz o significado de que o tempo não estava apropriado para a tentativa do padre de bater o recorde mundial de balonismo caseiro e que, tendo conhecimento de tais condições, o padre insistiu e decolou, tendo desaparecido posteriormente. A expressão “Mesmo com”, recurso linguístico selecionado pelo jornalista, indica que o padre assumiu os riscos de quaisquer adversidades que poderiam ocorrer durante o voo, inclusive o seu desaparecimento.

A expressão destacada em E1, portanto, remete à ideia do que o padre não deveria fazer, embora tenha feito. Assim, sendo o modalizador deôntico aquele que se

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

refere à conduta e se relaciona à postura que se deve adotar na realização da ação, entendemos que a expressão “Mesmo com” funciona como um modalizador desse tipo, pois acrescenta ao texto o posicionamento do locutor-jornalista diante do voo que o padre não deveria ter realizado devido às condições climáticas, mas mesmo sabendo dos riscos, decolou.

O desaparecimento do padre é construído no texto como uma consequência da falta de prudência do religioso ao voar em condições de tempo desfavoráveis. O direcionamento a essa interpretação é proporcionado pela seleção lexical do locutor-jornalista na construção do seu texto, no qual utilizou a expressão “Mesmo com”. Ao utilizá-la, portanto, o jornalista imprime marcas no texto que, como vimos, implicarão nos sentidos projetados.

Trazendo à discussão o que fora proposto por Cereja e Magalhães (2009) ao afirmarem “Professor, se necessário, mostre para os alunos que o jornalista se limita a informar, ele não julga as ações do padre.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 179), percebemos que há sim um posicionamento, quer dizer, um envolvimento do jornalista em relação ao ocorrido com o padre Adelir Antonio de Carli. Esse posicionamento, como observado, remete à culpabilização do padre pelo seu próprio desaparecimento, dadas as condições climáticas desfavoráveis para a prática do voo com balões de festa.

Além da seleção lexical da expressão “Mesmo com”, que remete a um posicionamento velado do jornalista em relação ao fato noticiado, há também a presença de outras estratégias que demonstram o envolvimento do jornalista com o seu texto. Uma dessas estratégias é a presença dos modalizadores epistêmicos, que introduzem as vozes de outros locutores ao texto. A importância que essas vozes exercem na construção do sentido que o locutor-jornalista aponta, embora não seja um caminho fixo, é fundamental para a compreensão da imparcialidade de que falamos.

Na notícia analisada, há a presença de vários dizeres autorizados pelo jornalista não apenas para dar veracidade aos fatos, mas, sobretudo, para corroborar com o seu posicionamento diante do desaparecimento do padre.

Para atingir esse propósito, o jornalista traz ao texto a voz do empresário do padre: José Agnaldo de Moraes. O enunciado em que aparece essa voz será apresentado como E2: (E2) “Segundo o empresário José Agnaldo de Moraes, da equipe de apoio, Carli chegou a ser aconselhado a adiar a viagem, mas se recusou. ‘Ele sempre tomou a última decisão sobre o que fazer.’” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 178).

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

Em E2, ao utilizar o modalizador epistêmico “Segundo x” o locutor jornalista remete o leitor ao campo do saber, uma vez que, sendo o empresário membro da equipe de apoio, que auxiliava o padre em seus voos, este tem autoridade para orientar o seu cliente sobre as melhores escolhas em relação à prática de balonismo caseiro. Porém, como observamos o longo do texto, o padre recusou o conselho de sua equipe de apoio sobre adiar o voo devido à nebulosidade e à chuva.

Para assegurar o que disse sobre o conselho de adiar a viagem como verdade, o jornalista utiliza ainda o discurso direto, evidenciando a presença do locutor-empresário na notícia como se vê no último parágrafo do enunciado, no qual utilizando as mesmas palavras que Jose Agnaldo, afirma que a última palavra sobre as próprias decisões sempre foram do padre: “Ele sempre tomou a última decisão sobre o que fazer.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 178).

Assim, podemos compreender que a voz do locutor-empresário nessa notícia, aliada à utilização da expressão “Mesmo com” e todas as implicações que ela traz ao sentido do texto, corrobora com o posicionamento do jornalista, pois, agora, não é apenas ele que coloca a responsabilidade no padre sobre o próprio desaparecimento; ao contrário, o empresário do padre afirmou que o religioso foi alertado a que não realizasse o voo, mas mesmo assim, ele decolou. Ainda, essa responsabilidade é notória na fala do empresário ao dizer que as últimas decisões sobre as atitudes tomadas sempre eram do padre, o que acarretou o seu desaparecimento.

Outro aspecto relevante a ser destacado na notícia é a utilização de verbos no pretérito e no futuro do pretérito, o que denota uma escolha lexical do locutor-jornalista para simular o seu afastamento em relação ao que enuncia, atribuindo a afirmação sobre o fato a outro locutor através de verbos, como ocorre em E4:

(E4) Por celular via satélite, o padre entrou em contato com os bombeiros de Guaratuba (PR) e *disse* que precisava que alguém o ensinasse a operar o aparelho de GPS (sistema de posicionamento global) que portava. *Disse* ainda que a bateria do seu telefone estava acabando. Carli fez o último contato do balão com bombeiros de São Francisco do Sul, no litoral norte de Santa Catarina, às 20h45 de anteontem. *Informou* que perdia altura e que precisava de resgate, pois *iria* cair no mar. O padre *dizia* estar a 20 km da costa [...] (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 187)

Os verbos “disse” e “informou” presentes em E4 atuam na construção do caráter verídico que a notícia deve apresentar. Com a seleção desses verbos, ele tira de si a responsabilidade pela informação prestada, atribuindo-a ao próprio envolvido no acidente: o padre Adelir.

A utilização de verbos no futuro do pretérito, como “iria” e “dizia”, o locutor-jornalista não instaura a certeza sobre o que afirma, livrando-se de possíveis contra-argumentos e contestações. Assim, atesta a possibilidade, mas não a garantia sobre o que é relatado, nesse caso.

Considerações finais

Dedicamo-nos, nesse artigo, a apresentar as estratégias utilizadas pelo locutor-jornalista para a construção da imparcialidade na notícia “Padre desaparece em voo com balões de festas” presente no livro didático *Português Linguagens* de Cereja e Magalhães (2009).

Ao longo desse trabalho, percebemos que as palavras selecionadas pelo locutor-jornalista revelam o seu posicionamento diante do que diz, apontando o caminho previsto a se percorrer para alcançar o interpretável do texto. Essas palavras funcionam como modalizadores, os quais demonstram o envolvimento do jornalista com o seu texto, como é o caso da expressão “Mesmo com”, que demonstra um juízo de valor do jornalista em relação ao fato de o padre ter decidido voar apesar das condições desfavoráveis para a prática de balonismo caseiro.

Além disso, através da modalização o jornalista insere vozes de outros locutores na notícia, como a voz do empresário do padre, José Agnaldo de Moraes, que denota que o padre havia sido alertado sobre os riscos do voo com o tempo nublado e chuvoso, mas ainda assim decidiu voar, recusando o conselho da equipe de apoio. Ainda, as vozes do padre e do bombeiro aparecem na notícia para corroborar com o futuro interpretável do texto proposto pelo locutor-jornalista.

Compreendemos, portanto, que a imparcialidade na notícia é uma tentativa de construção do locutor-jornalista que, por mais que utilize estratégias como as expostas ao longo dessa pesquisa para afastar-se do seu texto, através de marcas linguísticas como as expressões “Mesmo com” deixa transparecer o seu posicionamento acerca da atitude do padre em voar quando as condições climáticas lhe eram desfavoráveis. Além

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

disso, utiliza as vozes de outros locutores para confirmar, ratificar tal posicionamento que, como vimos, aponta para a responsabilização do padre pelo próprio desaparecimento.

Nesse sentido, entendemos que mais que simplesmente afirmar sobre o caráter subjetivo ou objetivo da notícia, como sugerem os autores do livro didático *Português Linguagens*, vale impulsionar e orientar o aluno a reconhecer e interpretar as estratégias que não são aleatórias nem involuntárias e constroem a simulação da imparcialidade na notícia.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CASTILHO, Ataliba; CASTILHO, Célia. Adverbios modalizadores. In. ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do português falado**. V.2 Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1992, p. 213-261.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português Linguagens: 7º ano**. São Paulo: Saraiva, 2012. p.178-180.

CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Pontes, 1991.

DALLASTRA, Luciano. **Entre letra e música: aspectos de modalização na canção Palhaço (Mais clara, mais crua)**. Dissertação de mestrado. Cascavel-PR, 2011. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2012-06-22T170151Z-751/Publico/luciano.pdf>, acesso em 10 de junho de 2014.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. Autoridade da informação. In: **Revista Línguas: instrumentos linguísticos**. Campinas: RG, 2013, p. 9-18.

_____. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: RG, 2011.

GUIMARÃES, Elisa. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. In: **Educação e Linguagem** – ano 4 – nº 5, 65-77, jan/dez 2001.

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. A modalização na notícia: estratégia para a construção da imparcialidade do gênero. Marise Rodrigues Guedes e Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – p. 67 – 82.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

_____. **Estrutura da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A modalidade. In.: KOCH, Ingedore Villaça (org). **Gramática do português falado**. V.6 São Paulo: Unicamp/ FAPESP, 1996, p. 163-195.